



CND – COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS

III – Congresso Nacional de Diáconos do Brasil e

VII Assembléia Geral

Itaici, Indaiatuba – SP, 18 a 23 de Fevereiro de 2003

Orientações para o Ministério da Caridade

1. Os participantes do 3º Congresso Nacional dos Diáconos do Brasil, realizado em Itaici, Indaiatuba – SP, após dias de intensa oração e reflexão, ouvindo a Palavra de Deus na voz de vários assessores, acolhendo o Espírito que iluminou os debates nos grupos e plenários, assumem como caminho para melhor exercer o ministério da caridade, as orientações a seguir.

2. **Ponto de partida:** O centro de nossa vida é Jesus Cristo, diácono do Pai, servo de Deus e da humanidade. Ele nos revela o Pai e nos coloca a caminho da santidade, oferecendo-nos um projeto de vida, e agindo em nós pelo Espírito. Nossa meta é nos configurarmos a Cristo servidor. Dentro do espírito de Puebla, é importante reconhecer o valor do diaconado na Igreja local, não só pelo que ele pode fazer, mas por ser sinal sacramental de Cristo servo e expressão da Igreja servidora.

3. **Mística:** Antes e acima do ministério que exercemos está a nossa vocação e nossa espiritualidade. Nossa motivação maior é de fé e de amor, a Deus e ao próximo. O Evangelho, antes de ser anunciado deve ser vivido. “A árvore, antes de buscar o sol, busca o solo; antes de crescer para cima e se espalhar, cresce para baixo”. Nossa semente é a vocação cristã, e nossa raiz é a espiritualidade encarnada. A encarnação nos leva também, a exemplo de Cristo, à profecia.

4. **Casamento entre fé e vida:** Aprendemos com Jesus Cristo a unir sintonia com o Pai e sintonia com os irmãos. A identidade do diácono está no que ele é, mais do que no que faz e diz. Com ele aprendemos também que a Igreja não existe para si mesma, não é fim em si mesma. Ela é servidora da humanidade. “A rua leva Jesus à montanha, e a montanha o leva à rua”. Quanto mais ele entra na comunhão com o Pai, mais se sente atraído pelo povo, sobretudo pelos que sofrem. Jesus conheceu o rosto do Pai descendo aos infernos do sofrimento humano. Torna-se um de nós em tudo, exceto no pecado, para levantar o ser humano decaído. Ele se identifica com o sofredor: “O que fizestes ao menor dos meus irmãos foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40).

5. **Sensibilidade:** O diácono é chamado a ser sentinela da Igreja, sempre atento para ouvir e ajudar sua comunidade eclesial ouvir o clamor dos sofredores, entendendo que a Igreja existe para os outros, para proporcionar vida. Deve perceber onde a Igreja precisa ser mais presença. Ele é sinal do Deus de Israel que diz: “Eu vi, eu vi a aflição do meu povo... ouvi o seu clamor... descendi para libertá-lo” (Ex 3,7-8). Neste sentido, o diácono casado conta com a preciosa colaboração da esposa. Como Maria, que percebe a falta de vinho em Caná e vai pedir a Jesus que faça algo, a mulher, com sua aguçada sensibilidade, poderá colaborar em muito para que o diácono seja de fato como um radar que capta “as alegrias e esperanças, as dores e as angústias” do povo (cf. GS 1).

6. **Eclesiologia:** Nossa vida cristã, bem como nosso ministério, dependem em grande parte da eclesiologia, do modelo de Igreja que temos na mente e no coração. Que Igreja queremos? João Paulo II, na “Novo Millenio Ineunte”, nos convoca a resgatar a eclesiologia do Vaticano II: A Igreja Povo de Deus, Corpo místico de Cristo, marcada pela comunhão, pela co-responsabilidade. Percebe-se entre nós a tendência a uma Igreja piramidal, clericalizada, mais instituição do que comunhão, mais normas do que coração. A eclesiologia do Corpo nos leva ao respeito mútuo, à valorização de todos os dons e ministérios, à busca de articulação e unidade. A Igreja povo de Deus expressa a igual dignidade de todos os filhos e filhas de Deus e a riqueza de sua diversidade. Acima da diferenciação de dons e carismas está a fonte comum: “um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (Ef 4,5). A eclesiologia do serviço, da diaconia faz de nós instrumentos de vida, pessoas de Deus, mais do que funcionários do sagrado. Além disso, deve estar muito claro em nós o sentido de pertença ao Corpo de Cristo, pertença a uma Igreja particular. Não somos donos do nosso ministério, mas estamos a serviço de uma Igreja.

7. **Testemunho:** O que dá credibilidade ao nosso trabalho é o testemunho que damos de nossa fé. “A fé sem as obras é morta”, diz Tiago. É a vivência do Evangelho, a começar de nossa casa, do ambiente de trabalho e de lazer, que vai nos credenciar a ser lideranças na comunidade, a assumir um ministério ou serviço na Igreja.

8. **Dupla sacramentalidade:** O diácono casado recebe a riqueza da graça de dois sacramentos do serviço: o matrimônio e a ordem. A “dupla sacramentalidade”, como diz o documento de Santo Domingo, é uma bênção de Deus, capaz de tornar o diácono mais sensível às alegrias e angústias das famílias e da comunidade. É indispensável que apareça, também no exercício do seu ministério, a condição de pai de família e de esposo. Não se pode separar a missão do diácono do contexto familiar ao qual está ligado pelo sacramento do matrimônio.

9. **Orientações práticas:** A partir do trabalho feito em grupos, muitas orientações foram levantadas com o intuito de ajudar no ministério diaconal, em três aspectos diferentes:

a) **Pastorais sociais:**

- Conhecer bem a realidade onde vive e atua. Usando dos recursos técnicos e científicos, do contato com as pessoas, ouvindo e conversando, deve fazer uma radiografia da comunidade, conhecendo suas carências e riquezas, os problemas com suas causas e conseqüências, a reação das pessoas, os meios e recursos de que dispõe.
- Cuidar da formação permanente e específica, para uma ação eficaz e eficiente nas pastorais sociais, de acordo com as normas e orientações da Santa Sé, das Diretrizes do Diaconado, da CNBB.
- Desenvolver a espiritualidade do diácono, aprofundando suas três dimensões – Caridade, Palavra e Liturgia, dando ênfase à caridade, sem descuidar das outras. Tudo isso, a partir da experiência familiar.
- Refletir sobre o que o diácono faz, sobre sua ação pastoral. Saber unir reflexão e ação. Revisar.
- Trabalhar em estreita comunhão com o bispo, o presbitério e o laicato.
- Fazer parcerias com a Cáritas, com as Pastorais Sociais, com a sociedade civil organizada, com todas as pessoas e grupos que lutam pela vida e pela dignidade humana, inclusive as escolas para educação de adultos.
- Ser presença transformadora na política, participando ativamente das políticas públicas, dos conselhos, dos organismos governamentais e não governamentais, de maneira a incrementar ali os valores evangélicos, como fermento na massa.
- Estar abertos à dimensão ecumênica, ao diálogo com o diferente.
- Procurar conhecer a Doutrina Social da Igreja.
- Favorecer, no processo de formação, estágios dos candidatos ao diaconado em pastorais sociais ou diaconias.

b) **Obras assistenciais:**

- Ser como um radar, capaz de detectar as maiores carências da Comunidade.
- Ser suscitador, animador, promotor, coordenador dentro da Comunidade. Mais do que fazer, ele deve suscitar lideranças.
- Zelar para que haja articulação entre os trabalhos afins, evitando dispersão, o trabalho de grupos e pessoas isoladas. Cuidar para que o trabalho seja comunitário, aparecendo a Igreja/Comunidade, e não as pessoas.
- Evitar que Assistência se torne assistencialismo: estar consciente de que a Assistência deve levar à promoção e transformação. Acima de tudo deve estar a dignidade humana.
- Cuidar para que a Igreja seja de fato acolhedora.
- Relacionar os dons existentes com as carências da Comunidade. Considerar aptidões e profissões para que o ministério vá ao encontro do que a Comunidade mais precisa.
- Trabalhar para que paróquia e diocese tenham um Plano Pastoral. Isso será expressão de respeito à comunidade, garantirá a participação de todos e a continuidade do

trabalho, independente do padre, do bispo, do próprio diácono ou de alguma outra liderança.

- Ser um referencial e, ao mesmo tempo, um diferencial na comunidade.
- Cuidar para que aconteça na sua comunidade o que constata a primeira comunidade cristã: “Não havia necessitados entre eles”.

c) Administração:

- Auxiliar na administração diocesana e paroquial, uma vez que se constata que a Igreja possui inúmeros bens (móveis, imóveis, culturais) mal administrados, além de recursos mal aplicados, por despreparo na área da administração, e falta de auxiliares competentes. Por outro lado, não faz sentido tirar um presbítero de sua missão para ocupá-lo com questões administrativas. O diácono pode se tornar um grande auxiliar nessa área, sobretudo quando se trata de um profissional, zelando pela aplicação pastoral dos recursos da Igreja.
- Trabalhar para que o dízimo tenha um caráter eminentemente pastoral e evangelizador, que eduque para a partilha, a gratuidade e a co-responsabilidade. Que não seja visto apenas como forma de arrecadar fundos.
- Incentivar as paróquias e dioceses a terem o seu Conselho para Assuntos Econômicos e/ou Conselho Administrativo, e que ele funcione. E que estes conselhos tenham também como meta o equilíbrio financeiro da paróquia e diocese; façam prestação de contas do uso dos recursos levantados pela comunidade.
- Contribuir para que a experiência da partilha comece dentro da própria Igreja, incrementando iniciativas que ajudem na auto-sustentação das comunidades (como, por ex., a Campanha para a Evangelização, da CNBB).
- Insistir para que em todas as Escolas Diaconais haja disciplinas de Administração e de Contabilidade.